

Vida ribeirinha: Uma análise de como a falta de acessibilidade pode influenciar na qualidade de vida dos moradores da Ilha do Combu em Belém, Pará.

River life: An analysis of how the lack of accessibility can influence the quality of life the residents of Combu Island in Belém, Pará.

La vida del río: Un análisis de cómo la falta de accesibilidad puede influir en la calidad de vida de los habitantes de la Isla del Combu en Belém, Pará.

MONTEIRO, Érica Corrêa

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Estácio Belém, ericapaulaarq@yahoo.com.br

FEIO, Angelo Giovani dos Santos

Estudante de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Estácio Belém, angelogiovani@live.com

ARAÚJO, Kayan Freitas de

Estudante de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Estácio Belém, kayanf22@gmail.com

RESUMO

As comunidades ribeirinhas de Belém sofrem com a falta e/ou precariedade de infraestrutura básica de saúde, principalmente para atendimentos de urgência e emergência, o que resulta em pacientes encaminhados à capital. O problema é que o deslocamento destes até algum pronto-socorro em Belém não é rápido e pode ser comprometido pela falta de acessibilidade espacial nos espaços físicos (os trapiches e as calçadas) e no transporte aquaviário, cujas condições inadequadas e, muitas vezes, improvisadas podem piorar o quadro do paciente. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo fazer uma análise do trapiche, calçadas de estivas e a UBS do Combu a fim de verificar como esses espaços influenciam na qualidade de vida do cidadão. Para se alcançar este objetivo, foi necessária a combinação de diferentes processos metodológicos. Dentre eles, o método de Pesquisa Bibliográfica tendo como referência conceitos relacionados ao cenário ribeirinho e acessibilidade espacial. Já a Pesquisa de Campo com abordagem multimétodos – visita exploratória, observação participante e entrevistas – pôde contribuir para se conhecer com maior profundidade o ambiente estudado. Neste processo, foram identificados vários problemas relacionados à acessibilidade espacial e de mobilidade urbana. Assim, os dados alcançados permitiram discutir a complexidade e a importância de temas relacionados a melhorias e qualidade de vida mais adequadas às comunidades ribeirinhas.

PALAVRAS-CHAVES: Arquitetura ribeirinha, acessibilidade espacial, saúde.

ABSTRACT

The riverside communities of Belém suffer with the lack and /or precariousness of basic health infrastructure, mainly for urgent and emergency care, which results in patients going to the capital. The problem is that the transport to some emergency room in Belém is not fast and may be compromised by the lack of space accessibility in the physical spaces (piers and sidewalks) and in waterway transport, which inappropriate and often improvised conditions may worsen the patient's condition. Therefore, this research aims to make an analysis of the pier, stowage sidewalks and the Combu UBS in order to verify how these spaces influence the quality of life of citizens. To achieve this goal, it was necessary to combine different methodological processes. Among them, the method of Bibliographic Research having as reference concepts related to the riverside scenario and spatial accessibility. The field research with a multi-method approach - exploratory visit, participant observation and interviews - could contribute to know more about the studied environment. In this process, several problems related to spatial accessibility and urban mobility were identified. Thus, the data obtained allowed us to discuss the complexity and importance of issues related to improvements and better quality of life for riverside communities.

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



KEY WORDS: Ribeirinha architecture, spatial accessibility, health.

RESUMEN

Las Comunidades ribereñas de Belém sufren por la falta y/o precariedad de infraestructura básica de salud, principalmente para atención en urgencia y emergencia, lo que resulta en pacientes encaminados a la capital. El problema es que el desplazamiento de estos hasta algún puesto de socorro en Belém no es rápido y puede ser comprometido por la falta de accesibilidad espacial en los espacios físicos (los trapiches y las calzadas) y el transporte acuático, cuyas condiciones inadecuadas y, muchas veces, improvisadas pueden agravar el cuadro del paciente. Frente a esto, esta investigación tiene como objetivo hacer un análisis de los trapiches, las calzadas y el Combu UBS para verificar cómo estos espacios influyen en la calidad de vida de los ciudadanos. Para lograr este objetivo, fue necesario combinar diferentes procesos metodológicos. Entre ellos, el método de Investigación Bibliográfica que tiene como conceptos de referencia relacionados con el escenario ribereño y la accesibilidad espacial. La investigación de campo con un enfoque de métodos múltiples (visita exploratoria, observación participante y entrevistas) puede contribuir a conocer con mayor profundidad el ambiente estudiado. En este proceso, se identificaron varios problemas relacionados con la accesibilidad espacial y la movilidad urbana. Por lo tanto, los datos obtenidos nos permitieron discutir la complejidad e importancia de los problemas relacionados con las mejoras y una mejor calidad de vida para las comunidades ribereñas.

PALABRAS CLAVE: Arquitectura de la ribera, accesibilidad espacial, salud.

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura ribeirinha na Amazônia possui uma linguagem muito rica de respeito e harmonia com a paisagem na qual está inserida. São representadas por meio de edificações de palafitas e/ ou de flutuantes -dependendo das características da região, do solo e dos rios. Em Belém, do Pará, por exemplo, existem várias ilhas que apresentam a arquitetura palafítica. Dentre essas, destaca-se a Ilha do Combu, localizada a 1,5 km ao sul de Belém, que se tornou um dos locais com grande potencial turístico devido suas particularidades arquitetônicas e culturais. No entanto, embora seja uma arquitetura considerada apropriada à região, observa-se vários problemas sociais e ambientais relacionados à saúde pública. Na ilha do Combu existe apenas um posto de saúde para atendimentos básicos, o qual não consegue atender a demanda da ilha, o que resulta, em casos mais graves, no encaminhamento dos ilhéus a médicos especialistas em Belém. Tal procedimento torna-se, muitas vezes, inviável, já que a maioria dos postos de saúde e hospitais da cidade apresentam superlotação por atenderem populações de diversas localidades no estado do Pará.

Junto a esse problema é importante ressaltar a falta de acessibilidade espacial em áreas ribeirinhas. Tais problemas podem ser evidenciados nos acessos às edificações que são realizados por atracagem de barcos aos trapiches e as calçadas palafitadas (Figura 1).



PROJETER
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFRP



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



UNIVERSIDADE
POSITIVO

Figura 1. Estruturas físicas demandam muito esforço físico e /ou ajuda de terceiros para acessá-los



Fonte: Autores, 2019.

O problema é mais evidente no acesso ao posto de atendimento médico, já que a maioria das pessoas que procuram este serviço estão debilitadas, e sua transferência do barco para o trapiche ou vice-versa, principalmente quando a maré está mais abaixo do nível do piso do trapiche, pode gerar constrangimento e/ ou perigo de acidentes mais graves ao serem carregadas por outras pessoas (MONTEIRO, 2015).

Para se entender esses problemas, este artigo aborda uma análise das principais dificuldades encontradas na Ilha. Cabe mencionar que o tema abordado possui pouco material científico a respeito da acessibilidade espacial no cenário ribeirinho. Na falta de mais informações, a Pesquisa de Campo foi relevante para se conhecer e vivenciar o cotidiano da população e, assim, entender questões culturais, sociais e econômica que possam explicar parte desses problemas e gerar discussões que tragam mais visibilidades à comunidade ribeirinha.

2 METODOLOGIA UTILIZADA

Para entender melhor o cotidiano da população da Ilha do Combu, recorreu-se ao método multirreferencial por meio da Pesquisa Bibliográfica, na qual pôde-se procurar, recolher, analisar, interpretar e julgar os materiais encontrados (LUDWIG, 2012). Neste caso, teve-se como referência conceitos e temas que envolvessem o cenário ribeirinho, sua a cultura, suas tipologias palafitadas, além da questão social, econômica e política.

A Pesquisa de Campo foi essencial para se compreender melhor a comunidade do Combu, sobretudo sobre o aspecto da acessibilidade espacial nos espaços. As visitas à Ilha do Combu foram constantes e para a busca de dados, utilizou-se uma abordagem multimétodos por meio de Visita Exploratória, Observação participante, Levantamento técnico físico, Levantamento de imagens e Entrevistas estruturadas e não estruturadas.

A visita exploratória tem por objetivo, segundo Lakatos e Marconi (2010, p.171), a formulação de questões ou de problemas, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente a fim de realizar uma pesquisa futura mais precisa. Já as observações realizadas, parte do conceito de Richardson (2008) que quando a observação é adequadamente conduzida pode revelar inesperados e surpreendentes resultados que, possivelmente não seria examinada em estudos que utilizassem técnicas diretivas. Assim, as observações podem obter informações de fenômenos novos e inexplicados que desafiam nossa curiosidade. Por fim, para conseguir maiores informações das pessoas, resolveu-se utilizar o método das *entrevistas não estruturadas*, pois, em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal (LAKATOS e MARCONI, 2010). Essa última foi relevante, uma vez que, muitas pessoas se sentiam desconfortáveis diante de papel e caneta. A partir destes métodos pôde-se:

- a) Observar e registrar por meio de desenhos, fotos e medições os ambientes ribeirinhos utilizados para atracagem de barcos e embarque e desembarque, tais como os trapiches e circulações de palafitas.
- b) Conhecer a opinião da comunidade sobre o tema investigado e descobrir quais os seus desejos e suas expectativas para a problemática de saúde.
- c) Identificar as maiores dificuldades da população em relação a saúde médica e a acessibilidade espacial.

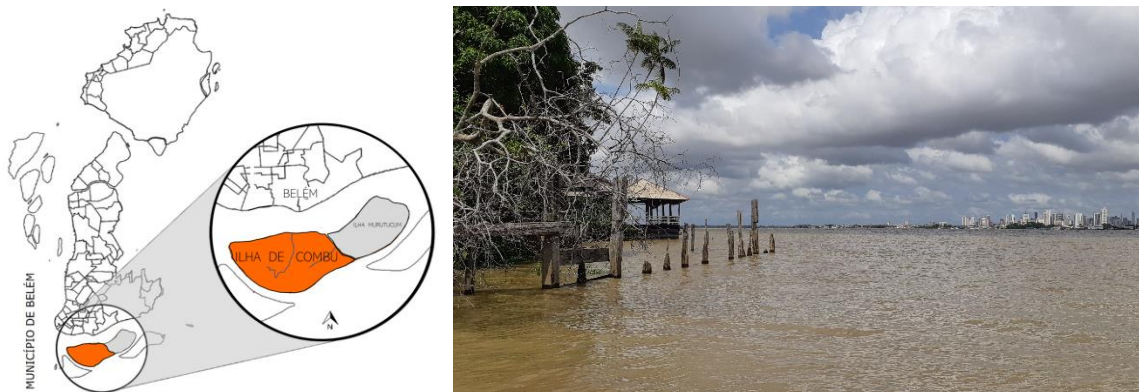
Assim, a partir dessas metodologias, pôde-se fazer uma análise mais aprofundada da área de estudo que será apresentada no próximo tópico.

3 ILHA DO COMBU: APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A capital do Pará, Belém, possui um total de 39 ilhas em seu território. Destas, a Ilha do Combu faz parte da sua zona rural e apresenta características particulares em suas tipologias palafitadas que a fez ter uma visibilidade no turismo rural (BELÉM,2019).

A Ilha do Combu localiza-se na margem esquerda do Rio Guamá, em frente à orla de Belém, com cerca de 1,5 mil hectares (BELÉM, 2019). A ilha é considerada, em tamanho e espaço territorial, a quarta maior de Belém e é marcada por ser uma área de várzea, com variação anual de influencias da maré. Por conta disso, apresenta-se de forma isolada, uma vez que seu acesso só é realizado via rio (Figura 2)

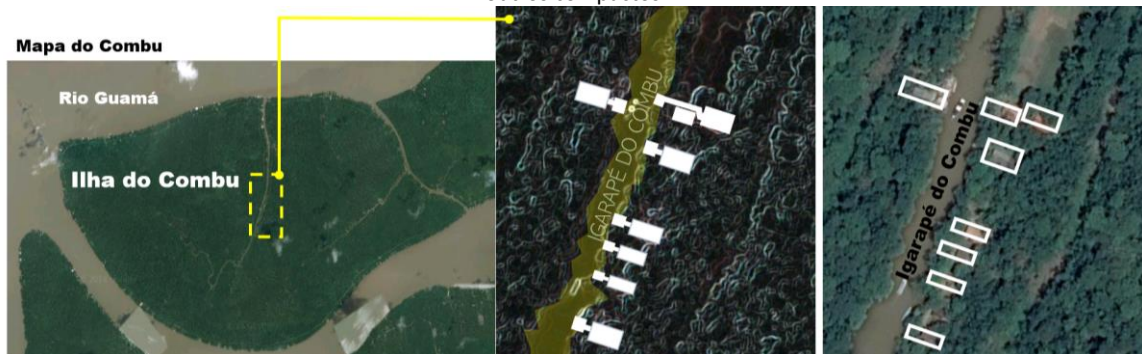
Figura 2. Mapa de localização da Ilha do Combu



Fonte: PREFEITURA DE BELÉM, 1996; adaptado pelos autores, 2019; Autores, 2019.

A morfologia da ilha do Combu apresenta-se como um modelo dissociado. Conforme Granell e Runge (2007), este modelo é aquele integrado por unidades de habitações ou de equipamentos que possuem conexão entre si por via pedestre. No caso do Combu, existem particularidade, uma vez que as habitações se concentram apenas na orla do igarapé do Combu e seus afluentes. Com isso, de acordo com Monteiro (2015) observa-se que as casas são distantes uma das outras, e em época de maré cheia, o acesso aos vizinhos, à escola e ao Posto de Saúde só é realizado por via barco. Já em época de estiagem, a população faz pequenas trilhas entres quintais para o acesso por terra, já que não existem ruas internas (Figura 3).

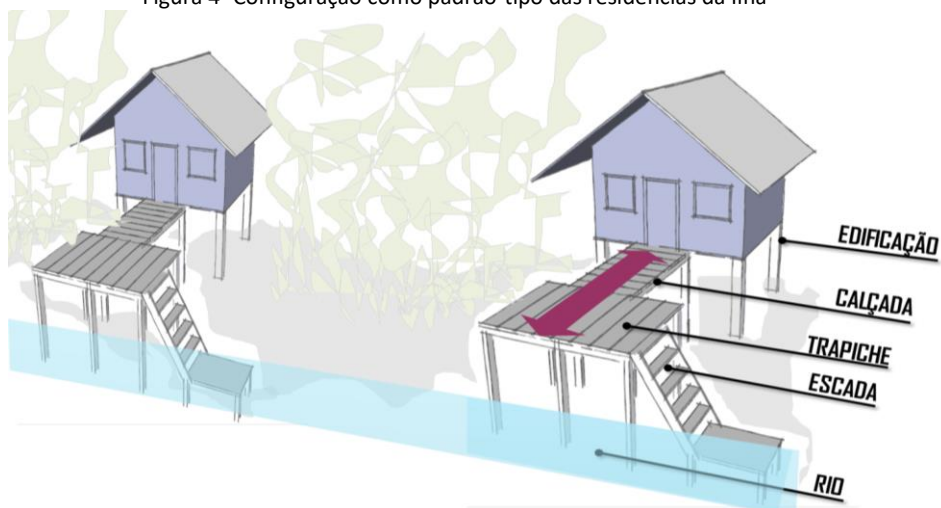
Figura 3- Ilha do Combu- Exemplo de assentamento dissociado, tendo em alguns trechos concentrações dispersas e em outros compactos



Fonte: Monteiro (2015)

Para atender essa particularidade, as residências do Combu, sendo de madeira ou alvenaria, seguem o mesmo padrão como um modelo-tipo, configurado como: Trapiche-calçadas de estivas-edificação (MONTEIRO, 2015) (Figura 4).

Figura 4- Configuração como padrão-tipo das residências da Ilha



Fonte: Monteiro (2015)

Tal situação, vale a reflexão: se um ilhéu que mora no final do igarapé do Combu, por exemplo, passa mal de madrugada, em época de vazante, como a família procederia para tentar salvar a sua vida? Diante dessa pergunta, fez-se análises para prever o tempo e as formas de mobilidade para se conseguir atendimento médico aos ilhéus.

Os desafios de mobilidade, acessibilidade e atendimento médico na Ilha do Combu

O grande desafio que deve ser abraçado pela mobilidade urbana é a inclusão de parcelas consideráveis da população na vida das cidades, promovendo a inclusão social à medida que

proporciona acesso amplo e democrático ao espaço urbano (DUARTE; LIBARDI; SÁNCHEZ, 2007). Nesse contexto, Belém dispõe de um potencial fluvial elevado devido aos rios que circundam a orla da cidade e que conecta as ilhas aos equipamentos urbanos, serviços e comércios da capital. De acordo com o Plano Diretor de Belém (2008), as ilhas estão assistidas por lei da seguinte maneira:

XVII - ampliar a acessibilidade interna nas ilhas por meio da melhoria de circulação viária e do ordenamento dos diversos modos de circulação (BELÉM, PLANO DIRETOR, 2008, Art. 42, XVII).

Em contrapartida, verifica-se que, para grande parte dos ilhéus, o democrático esbarra no deslocamento pelos rios e nas oportunidades de oferta, acesso e utilização desses equipamentos pela comunidade ribeirinha.

Uma das problemáticas começa em como deslocar pessoas com alguma enfermidade na Ilha. Sair de casa é um desafio, sobretudo para pessoas com deficiência e/ ou com sua mobilidade reduzida. As calçadas de palafitas, isso quando existe, muitas vezes, encontram-se estreitas, quebradas, com madeira apodrecida e escorregadias por conta do lodo e dos resíduos trazidos pela maré, o que a torna um elemento perigoso às pessoas, principalmente as mais vulneráveis (Figura 5). Embora a população saiba disso, uma das frases que mais se escuta diante da situação é “a gente dá um jeito”. O que ressalta, muitas vezes, a descrença desses por melhorias nessas estruturas físicas.

Figura 5. A falta de acessibilidade espacial nas comunidades ribeirinhas, risco de acidente em potencial



Fonte: Imagem retirada de um vídeo realizada pelos autores, 2019.

Os trapiches apresentam problemas para o embarque e desembarque dos usuários, já que a oscilação da maré pode influenciar no acesso dos trapiches para os barcos e vice-versa. Em alguns casos a dificuldade é tão grande que as pessoas precisam ser carregadas, mas há preocupação de que algum desliz, os dois podem cair e se machucarem.

A partir desse ponto, vem outra preocupação: onde o levaremos para ser atendido por um médico? A primeira opção seria a Unidade Básica de Saúde do Combu (UBS) que está situada em um trecho central às margens do Igarapé do Combu. Em 2017, houve a entrega das obras de ampliação da UBS junto a inclusão de um novo trapiche com cais flutuantes para facilitar o atracamento de embarcações (Figura 6). (BELÉM, 2017).

Figura 6. Mapa de localização da Unidade Básica do Combu



Fonte: Autores, 2019.

Para chegar nessa UBS, o acesso é realizado por meio de um flutuante de pequeno (Figura 6), mas observou-se que a mesma não comporta toda demanda de pessoas por aglomerar diversos tipos de embarcações. Nota-se que a rampa existente não se adequa às Normas de acessibilidade (NBR 9050/2015) e nem às de segurança (NBR 15450/2006), com relação a largura que é estreita e restringe a passagem de cadeirantes, pessoas em macas e obesas. Além do guarda-corpo sem proteção lateral e sem corrimão adequado para dar maior segurança às pessoas, sobretudo quando precisam da ajuda dos acompanhantes.

Figura 7. Planta baixa do trapiche, aglomeração dos barcos em frente o flutuante e a rampa existente.



Fonte: Autores, 2019.

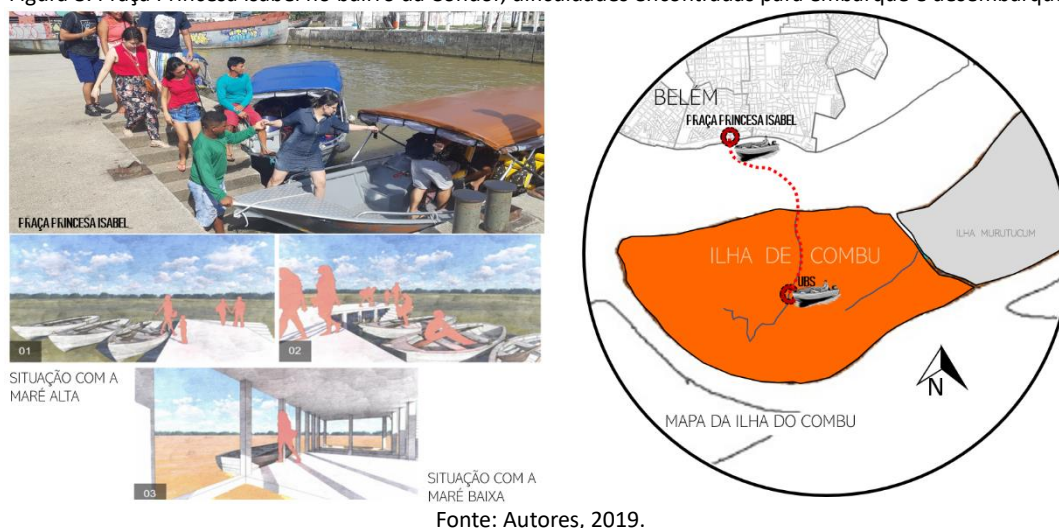
O paciente enfrenta outro agravante: se irá conseguir atendimento médico na UBS? De acordo com a Prefeitura de Belém (2017) até 2017, a UBS do Combu atendia cerca de 2.200 pessoas de 560 famílias,

dentro do programa Estratégias de Saúde da Família que abrange as ilhas: Combu, Grande, do Papagaio e do Murucutum. Um sistema de saúde deve caracterizar-se por ser de fácil acesso, especialmente à população carente, e deve procurar atender as reais necessidades de um determinado território (STEIN, 2008).

Durante as visitas e entrevistas realizadas na ilha, constatou-se que muitos dos serviços oferecidos estavam parados, sobretudo, pela falta de médicos e/ou de materiais para o atendimento local. A falta de recursos e médicos na ilha, faz com que parte dessa demanda de pacientes recorram a atendimentos médicos em Belém.

Da UBS do Combu até Belém, os ribeirinhos enfrentam outros problemas. Caso o paciente apresente um quadro grave, provavelmente, seu estado clínico pode piorar devido as más condições físicas dos barcos junto ao tempo perdido no deslocamento. Assim, o tempo estimado para que o paciente chegue à orla sul de Belém, mais especificamente, no Porto da Praça da Princesa Isabel, no bairro da Condor, é cerca de 10 a 20 minutos dependendo da embarcação, sendo a lancha a mais rápida (Figura 8).

Figura 8. Praça Princesa Isabel no bairro da Condor, dificuldades encontradas para embarque e desembarque.



Na Praça Princesa Isabel, o trapiche de concreto apresenta dois níveis em sua estrutura para auxiliar na transferência do barco para o trapiche e vice-versa, nos momentos de maré alta e baixa. As escadas presentes ajudam na transferência, mas não apresentam elementos de segurança como guarda-corpo, corrimão e nem sinalizações de segurança nos pisos para que os usuários consigam acessar e utilizar a estrutura de forma segura, com conforto e com autonomia, já que sempre há a necessidade da ajuda de terceiros (Figura 8).

A partir dessa praça, os combuenses iniciam uma verdadeira peregrinação em várias UBS e hospitais de Belém, em busca de soluções para o seu problema. Para isso, os ilhéus recorrem ao atendimento em equipamentos de saúde pública mais próximos que são: Unidade Municipal de Saúde (UMS) e Unidade de Pronto atendimento (UPA), Unidade Básica de Saúde (UBS) do Guamá, UBS da Condor, UBS e UPA da Terra-Firme, UBS do Jurunas, UBS da Cremação e o HPSM do Guamá, conforme o mapa da Figura 9.

Figura 9. Mapa de localização dos equipamentos de saúde pública mais próximos à Praça da Princesa Isabel



Fonte: Autores, 2019.

O que ocorre é que para a comunidade ribeirinha, essa situação torna-se onerosa e desgastante, uma vez que os mesmos correm o risco de não serem atendidos por diversas situações, tais como: falta de leite, falta de médico, falta de remédios, falta de recursos e materiais, de filas enormes, de serviços sobrecarregados, de superlotação e entre outros problemas relacionados a questão da saúde em Belém e que, neste artigo, não será aprofundado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as comunidades ribeirinhas o acesso à educação, transporte e saúde com qualidade ainda é uma questão de invisibilidade social e, sobretudo, da falta de políticas públicas mais coerentes à realidade dos ilhéus. A questão saúde vai mais além do que explicado nesse artigo. A partir das vivências e observações realizadas nas visitas técnicas, pôde-se perceber mais as dificuldades encontradas pela comunidade até para realizar tarefas cotidianas. Falas como “a gente já está acostumado”, “é tem que

meter a cara” evocam um sentimento de se acreditar que só existem esses tipos de espaços e esses tipos de transportes. Qualidade seria luxo, e diante disso, muitos se convencem que segurança está no fato de saber se adaptar e se movimentar nos ambientes construídos, já que nada muda para melhorar sua qualidade de vida, o que cabe a frase “pra tudo se dá um jeito” e, nisso, correm risco de acidentes o tempo todo.

Infelizmente, um exemplo disso é a UBS do Combu. Houveram melhorias, colocou-se mais salas de atendimento e, em menos de dois anos, observa-se um equipamento de saúde sem oferecer toda sua capacidade funcional por falta de recursos e de médicos especializados, e quem perde, sempre são os ilhéus.

Além disso, mesmo com o acréscimo de flutuante, trapiche, calçadas de estivas cobertas e com guarda-corpo, as estruturas apresentam falhas de detalhes físicos, que parecem insignificantes para algumas pessoas, mas que é essencial para a acessibilidade espacial para pessoas mais vulneráveis. Essas falhas junto a falta de manutenção adequada ao espaço comprometem ainda mais a estrutura física e a segurança das pessoas.

Diante disso, destaca-se a importância de se fazer uma avaliação de pós-ocupação para verificar como os usuários se comportam nos ambientes. Em entrevistas, quando perguntados aos usuários o que achavam do espaço, a frase dita com maior frequência era “melhor do que era”, o que pode ser traduzida como uma forma de insatisfação. Dessa forma, a avaliação de pós-ocupação poderia coletar os aspectos positivos para serem incorporados em novos projetos e, os negativos, para não serem repetidos, o que traria qualidade aos futuros projetos e melhor adequação do espaço, sem considerar a visão apenas do especialista.

Por fim, ressalta-se que Belém, de uma forma geral, apresenta muitas falhas na questão de saúde pública. Tal situação, desdobra-se de forma injusta para as populações que estão em um contexto de vulnerabilidade, onde tudo falta: educação, transporte acessível, tratamento de esgoto, abastecimento de água potável e saúde pública de diversas especialidades para atender à realidade de seus habitantes e suas necessidades. Falta bom senso, falta empatia e, principalmente, vontade pública para que as comunidades ribeirinhas sejam inclusivas e mais democráticas.

5 REFERÊNCIAS

ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15 450/2007: Norma brasileira de acessibilidade de passageiros no sistema de transporte aquaviário. Rio de Janeiro, 2007.

ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 9050/2015: Norma Brasileira de Acessibilidade em edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015.

BELÉM. Prefeitura Municipal de Belém. Prefeitura de Belém inaugura obras de educação e saúde na ilha do Combu. 2017. Disponível em: < <http://www.belem.pa.gov.br/semec/site/?p=130>>. Acesso em: 10/06/2019.

BELÉM. **LEI Nº 8.655**, de 30 de julho de 2008. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Belém, e dá outras providências.

DUARTE, Fábio; LIBARDI, Rafaela; SÁNCHEZ, Kárina. Introdução à mobilidade urbana. [S. l.]: Juruá, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 320p.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática de Metodologia Científica**. 2.ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.124.]

MONTEIRO, Érica Corrêa. Acessibilidade espacial em calçadas de estivas no Pará: estudo de caso na Ilha do Combu e na cidade de Afuá. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Peres et al. 3. ed. 9. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

STEIN, Airton Tetelbom. Acesso a atendimento médico continuado: uma estratégia para reduzir a utilização de consultas não-urgentes em serviços de emergência. Tese (Doutorado)- Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.